

AMOLADAS A PEDRAS-DE-RIO E ÁGUAS: ENCRUZILHADAS DE MULHERES, LAVANDERIAS E FAMÍLIAS NA TERESINA PERIFÉRICA

SHARPENED WITH RIVER STONES AND WATER: CROSSROADS OF WOMEN,
LAUNDRIES AND FAMILIES IN PERIPHERAL TERESINA

Cleiane Pereira Souza dos Santos⁶
Potyguara Alencar dos Santos⁷

Resumo

Aprendi com o pensamento feminista negro que refletir sobre a experiência da mulher negra na realidade colonial e pós-colonial exige desvelar as “imagens de controle”, redesenhada pela engrenagem do estereótipo de “mulas do mundo” (que tudo “aguentam” e “suportam”), representadas como anomalias, quase animais (Davis, 2016; Collins, 2019). Em particular, ao se tratar da experiência histórica da mulher negra brasileira, Sueli Carneiro (2012) e Lélia Gonzalez (2020), advertem como a coisificação e a apropriação social das afrodescendentes encontram-se expressos nas construções das figuras da mulata, da doméstica e da mãe preta, revelando como os ideários de progresso e desenvolvimento de um país foram erigidos pelas iniquidades raciais e sociais de grupos específicos. Este artigo busca mobilizar a categoria “aguentar”, que se espraia nas falas e nos cotidianos de mulheres lavadeiras – Bindita, Josefa, Anastacia, Fátima, Carmelita, Ana e Lúcia –, de uma zona periférica de Teresina, Piauí, enquanto um movimento potente dinamizado pelas forças particulares destas sujeitas como formas de reabitar espaços de violências da vida cotidiana. É desta ambivalência que permeia o aguentar – apontado pelas feministas negras como dispositivo disciplinador e domesticador que tenta confinar e constranger corpos negros, transformando sobrevivência em obrigação – que, para as lavadeiras, se expressa como uma arte e tática das rotas dos mundos que as envolvem em defesa das vidas de seus descendentes - que esta etnografia se ocupa. Intento fiar as contribuições de intelectuais negras afro-americanas e brasileiras às interpretações traçadas por Veena Das (2020, p. 27) sob “os intricados quadros de fazer e refazer um mundo”. Argumento que esta perspectiva analítica lançada por Das (2020), ao ler, escrever e reescrever sobre a capacidade humana em dar continuidade ao percurso da vida em ambientes desmoronados, como me revelaram as lavadeiras sob o prisma do aguentar em seus cuidados copartidos com seus familiares, suas vizinhanças e com suas práticas religiosas devocionais, podem revelar a possibilidade de constituir recomeços onde a vida seja vivível.

Palavras-chave: Aguentar; Mulheres Lavadeiras; Cotidiano.

Abstract

I learned from black feminist thought that reflecting on the experience of black women in colonial and postcolonial reality requires unveiling the “images of control,” redesigned by the machinery of the stereotype of “mules of the world” (who ‘endure’ and “bear” everything), represented as anomalies, almost animals (Davis, 2016; Collins, 2019). In particular, when it comes to the historical experience of black Brazilian women, Sueli Carneiro (2012) and Lélia

⁶ Assistente Social. Mestra em Sociologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB). Contato: cleianeepszsantos@gmail.com.

⁷ Professor Adjunto da Universidade Estadual do Ceará (UECE) / campus de Itapipoca. Contato: potyguara.alencar@gmail.com. O nome do coautor integra este trabalho em reconhecimento à sua relevância na minha trajetória acadêmica, pelo diálogo intelectual e pela orientação formativa oferecida ao longo do processo. A responsabilidade pela pesquisa, análise e redação é integralmente da autora.

Gonzalez (2020) warn how the objectification and social appropriation of Afro-descendants are expressed in the constructions of the figures of the mulatto woman, the domestic worker, and the black mother, revealing how the ideals of progress and development of a country were erected by the racial and social inequalities of specific groups. This article seeks to mobilize the category of “endurance,” which is widespread in the speech and daily lives of women laundresses—Bindita, Josefa, Anastacia, Fátima, Carmelita, Ana, and Lúcia—from a peripheral area of Teresina, Piauí, as a powerful movement driven by the particular forces of these subjects as ways of reinhabiting spaces of violence in everyday life. It is this ambivalence that permeates endurance—pointed out by black feminists as a disciplining and domesticating device that attempts to confine and constrain black bodies, transforming survival into an obligation—that, for the laundresses, is expressed as an art and tactic of the routes of the worlds that surround them in defense of the lives of their descendants.

Keywords: Put up with; Washing women; Everyday life.

Entre pias, mercados e ladeiras – uma introdução

Este texto é fruto da etnografia realizada em 2022 com cinco mulheres periféricas, de maioria negra, trabalhadoras na Lavanderia Comunitária do bairro Três Andares, em Teresina, Piauí. A lavanderia fica localizada na rua da minha casa. Logo, eu conhecia de vista minhas companheiras de pesquisa⁸ que trabalham neste local. Minha relação com elas era de pouca intimidade, com exceção de Donas Bindita, pois a conheço desde 2009. As conheci devido o trânsito de seus corpos ao subir e descer as ladeiras da rua onde moro para chegar até a lavanderia, e porque também vez e outra cruzávamos nas filas dos pequenos estabelecimentos comerciais do nosso bairro, sempre com falas que marcavam ora as saudações diárias⁹ ora nossas reclamações com o aumento nos preços dos alimentos e demais assuntos. Fui (e sou) ensinada por Donas Bindita, Josefa, Anastacia, Fátima, Carmelita, Ana e Lúcia¹⁰, mulheres lavadeiras, sobre os miúdos da vida cotidiana em sua deterioração e potência agentiva de manterem-se vivas.

Algumas me conhecem desde a infância, e outras já me acompanham desde a gravidez de minha filha. Por esse motivo, é muito comum que, quando nos encontramos pelas ruas do bairro ou quando as visito em suas casas ou em seu local de trabalho, eu as ouça perguntar como está minha filha e lançar olhares admirados o quanto ela cresceu, já ultrapassando a minha altura. Elas lembram à minha filha que a viram na minha barriga, que a pegaram no colo, que a viram dar os primeiros passos – e que agora ela é uma moça grande e bonita, no auge dos seus

⁸ Opto por utilizar o termo “companheiras de pesquisa” uma vez que para mim “interlocutores” soa como algo que imprime um distanciamento.

⁹ ‘Bom dia’, ‘boa tarde’ e ‘boa noite’.

¹⁰ Ficcionalizei os nomes por respeito à preservação da identidade das minhas companheiras de pesquisa.

onze anos. É dessa força cotidiana que perfazem as tessituras de nossas relações de que está escrita é prenhe.

Foram desses vínculos que tecemos (eu e elas) ao habitar nossos cotidianos que me levaram a sentir também as violências, dores e sofrimentos enfrentados por nós ao habitar este mundo. Revelações de segredos, desabafos, raivas, compartilhamentos de alegrias e vitórias, desabamentos de nossos corpos mediante perdas (mortes), sentimentos de medos e encorajamentos são algumas das minúcias de como se vive uma vida. Refletem seus queixumes de como aguentar é dispendioso, *custoso, cansativo e dolorido*¹¹. Essa reclamação e compreensão que minhas companheiras de pesquisas desenvolvem sobre o aguentar, encontra-se ancorado na violência do tráfico transatlântico e da escravidão. Trata-se de uma ideologia ainda muito presente no imaginário social de que mulheres negras tudo ‘aguentam’ e ‘suportam’, são ‘sofredoras’ e ‘guerreiras’, expondo como gênero concatenado a raça, classe e seus correlatos, atuam em desvantagens sobre os corpos e as vidas de mulheres indígenas e da diáspora africana – contribuindo para a desvalorização da *mulheridade* negra (hooks, 2019; Collins, 2019).

Ser forte o tempo todo, sem direito ao descanso e sossego por entender que o racismo não dá trégua, tornando-as, como argumentou a socióloga afro-americana Patricia Hill Collins (2019), ‘mulas do mundo’, que emergem das lembranças de suas infâncias, adolescências e vida adulta. Foram das constantes idas e vindas nas memórias de suas experiências de vida que elas denunciam e descortinam a violência do sistema capitalista, colonial e patriarcal, mostrando que é justamente dos lugares periféricos, assolados por regimes brutais de silenciamento, que mulheres negras foram condicionadas a suportar a desumanização. A realidade social destas mulheres foi perfilada pelo êxodo rural – saída da zona rural para a zona urbana – na busca por melhorias de vida, condições e oportunidades.

Lembram que ainda criança conviveram com a fome, pobreza, miséria e a violência doméstica dentro de casa. Presenciaram seus irmãos a dispersarem-se pelo mundo na tentativa de fugir da morte e da escassez. Foram obrigadas a vir trabalhar na zona urbana na casa de parentes e, em muitos casos, em casas de famílias desconhecidas como empregadas domésticas sendo altamente exploradas; sendo proibidas de manter o regime escolar. O caso de Dona Bindita põe em relevo o racismo e as constantes violências às quais foi submetida ao trabalhar como empregada doméstica aos dez anos de idade, devido ao agravamento do problema de saúde de sua mãe e a ela ser a filha mais velha entre três irmãos, para os quais precisava levar

¹¹ As palavras em itálico expressam as falas de Bindita, Josefa, Anastacia, Fátima, Carmelita, Ana e Lúcia.

o sustento para casa. Na casa dessa família, Dona Bindita recebeu o apelido racista de *negrinha de mando*, e quando sua patroa a viu grávida pela primeira vez, passou a ordenar-lhe diversos serviços que seu corpo não poderia aguentar, na intenção de levá-lo à exaustão ou à morte. Outras memórias deságuam nas lembranças da violência doméstica que algumas delas sofreram de seus companheiros por longos anos e os lutos pelas perdas dos filhos.

É dessa violenta experiência histórica da mulher negra brasileira permeada pelos discursos de que são ‘guerreiras’, ‘fortes’ e que ‘tudo aguentam e suportam’, que emerge, conforme apontam Sueli Carneiro (2012) e Lélia Gonzalez (2020), um projeto de coisificação e a apropriação social das afrodescendentes. Esse projeto se expressa nas construções das figuras da ‘mulata’, da ‘doméstica’ e da ‘mãe preta’, revelando como os ideais de progresso e desenvolvimento de um país foram edificados a partir das iniquidades raciais e sociais impostas a grupos e corpos específicos.

Não há como negar que o ‘aguentar’ interseccionalizado às opressões de raça, classe e gênero é um dispositivo da colonialidade guiado na e para a manutenção das hierarquias raciais. Contudo, existe na dimensão social da vida, interpretada pelas lavadeiras, o entendimento do aguentar como ‘um tecido vivo costurado pelas vidas de sujeitas/os agentivas/os na luta pelo trabalho de viver’. As falas e compreensões das minhas companheiras de pesquisa, também tomam o aguentar como a arte e tática de combate à constante suspensão de direitos, em um compromisso não somente com suas vidas, mais principalmente com a vida de sua descendência. Quando indaguei uma a uma sobre como elas aguentavam viver uma vida com tanta dor e sofrimento e ainda assim terem forças para se manterem de pé e cuidar de tudo aquilo que lhes cercavam, elas me respondiam: *A gente aguenta que é pra ter história pra contar*.

Diante disso, aguentar é amolar-se. Amolar é um instrumento que congrega dor e potência – esta última entendida enquanto capacidade para a reinvenção do mundo. Ali, onde seus corpos encontram as águas no fluxo de seu desgaste laboral, deteriorando-se pelo uso excessivo da força de suas mãos ao bater, torcer e engomar roupas, e pela exposição excruciante de permanecerem longas horas de pé diante das pias e das pedras de passar roupas, tudo isso se consubstancia na herança colonial desse serviço ocupacional. Há também o aprimoramento para vida. A paciência, a prudência e a sabedoria da luta, em muitos momentos, desequilibra o desgaste colonial. Pois é no aprimoramento de seus corpos, de suas percepções e de suas formas de pensar e agir no mundo que a arte de viver ganha vida.

Por isso, penso ser oportuno costurar o arsenal teórico produzido pelas feministas negras às etnografias traçáveis de Saba Mahmood (2019) e Veena Das (2020). Haja vista que tomo o

movimento de luta cotidiana destas senhoras (as lavadeiras) entendendo suas agências através da análise do *paradoxo da subjetivação*, este último que consiste em compreender a agência como a “capacidade de cada pessoa para realizar os seus interesses individuais, em oposição ao peso do costume, tradição, vontade transcendental ou outros obstáculos individuais e coletivos.” (Mahmood, 2019, p. 148 e 149). Dito de outra forma, a intelectual diagnostica que a experiência do sujeito político do modelo liberal ancorado em padrões normativos e racionais encontra-se reduzido numa agência presa ao modelo binário da ‘subordinação ou subversão’, excluindo o âmbito “corporal, feminino, emocional, não racional e intersubjetivo” (Mahmood, 2019, p. 146). Assim, Saba (2019) faz o chamado reiterado de olharmos para a realidade vivida dos sujeitos entrelaçado com a ordem social, bem como para as maneiras pelas quais como cada um cria sua forma de ser e estar no mundo por meio do gesto repetitivo – performativo – carregado de desejo e consciência. Nessa perspectiva, a realização espontânea e o vínculo social permitem ao indivíduo compor uma relação iterativa com a norma, expondo de antemão a fragilidade de tal estrutura – elemento fundamental para futuros estranhamentos.

Neste caminho, o treinamento antropológico desenvolvido por Veena Das (2020, p. 27) condensa discussões pertinentes nessa minha empreitada analítica, à medida que narra a vida de pessoas e comunidades indianas específicas tomando como um dos seus campos de perscrutação *o que é recolher os pedaços e viver nesse lugar de devastação?* Tal questão me oportunizou perceber que o ‘aguentar’ para as minhas companheiras de pesquisa encontra-se implicado em um “fazer e refazer que se dá na ação de compor com o meio, sem deixar que as normas e controles sociais encerrem os movimentos dos indivíduos” (ALVES, 2020, p.23). Esse respeito e atenção da autora ao cotidiano das/os sujeitas/os pauperizadas/os, segundo aponta Paula Lacerda (2023) demonstra que nessas atitudes humanas de todo o dia, dentro de práticas vistas como corriqueiras, triviais e habituais, há algo do campo da realização para essas sujeitas que torna a vida possível de ser vivida.

Ora, se o trabalho de Veena Das localiza a experiência do sujeito feminino empobrecido do contexto indiano e sua capacidade de agenciamento que se (re)faz no fluxo da vida, tomo a realidade de mulheres negras lavadeiras – estas que trazem inscrito no corpo a experiência transatlântica da escravidão, que tenta exterminar sua presença e de sua descendência – e sua produção de Encruzilhadas enquanto “palco de todos os tempos e das possibilidades” que se exercita no exercício do viver (Rufino, 2019, p. 39). Ou seja, enquanto Veena Das toma o cotidiano como espaço de (re)produção da vida, me inspiro na produção de Encruzilhadas – prática inventiva enquanto possibilidade – tecidas por elas (companheiras de pesquisa) na busca pelo “reencantamento do mundo, a afirmação da vida” (Rufino, 2019, p. 12-13).

Meu encontro com as lavadeiras do meu bairro, na verdade, foi um reencontro com as histórias de vida das mulheres negras da minha família – minha mãe, minhas tias e minha avó. Foi por meio das minhas companheiras de pesquisa que me dei conta que a experiência de vida das minhas ancestrais foram marcadas pelo trabalho de lavadeiras e empregadas domésticas, coisa que eu nunca tinha parado para refletir.

A mudança abrupta do campo de pesquisa, ancorou-se, primeiramente, nas minhas lembranças com as mulheres de minha família. Costurando o arsenal teórico de Das com a mistura da intimidade das histórias de vida das mulheres de minha família, me dei conta o quanto as tramas cotidianas delas (e a minha também), utilizando um termo de Das, eram ‘subalternas’. As pegadas deixadas pelas minhas ancestrais neste mundo foram marcadas por uma pobreza excruciante.

Todas as mulheres de minha família foram lavadeiras em uma época em que em nossa cidade as mulheres iam lavar as roupas das classes sociais mais abastadas em um dos rios que cortam a cidade, o Rio Poty. Começando pela minha avó, depois minha mãe e minhas tias, rotineiramente iam lavar roupas neste rio para levar o sustento para casa. Depois de muitos anos, o poder público do nosso estado construiu diversas lavanderias comunitárias em várias zonas da região, retirando as lavadeiras da insalubridade e riscos acarretados pela prática da lavagem nos rios. Minhas tias me contaram que aos poucos elas e minha mãe foram abandonando esse serviço. Minha mãe conseguiu um trabalho de serviços gerais em uma clínica privada e minhas tias seguiram com o trabalho doméstico.

Eu não cheguei a presenciar minha mãe exercendo a função de lavadeira nos rios. Eu não era nascida. O que eu sei são histórias contadas pelas suas irmãs (minhas tias). No que tange as cenas de lavagem de roupas executadas pela minha mãe, o que me recordo vivamente, é ela recolher todas as nossas roupas sujas acumuladas durante a semana e, no final de semana, no fundo do quintal de nossa casa, lavar todas as peças. Esse era o ritual cotidiano dos finais de semana: assistir a mamãe lavar e engomar nossas roupas. Ali também, ela me ensinava as técnicas de lavagem e de engomar, pois mais à frente, eu a substituiria.

Na adolescência, percebi que nossa realidade social foi abalada por diversos problemas. Foi à época que meu irmão foi preso, minha mãe realizava exames para investigar um caroço no seio direito, meu pai cada dia entregava-se mais ao alcoolismo e aos relacionamentos extraconjugais e minha irmã mais nova apresentava um comportamento perigoso com as drogas. Ali, na beira da pia da nossa casa, lavando nossas roupas, minha mãe queixava-se para mim dessa tormenta que estávamos vivendo. Entre as lágrimas e as águas da torneira, ela buscava forças para aguentar tudo aquilo, mesmo que fosse desabafando comigo. Eu tentava

dizer palavras positivas, uma forma de consolá-la, mas pelas expressões do seu corpo, o esgotamento de tudo aquilo era visível. Num ato de aflição e desespero meus, olhando toda aquela atmosfera de tristeza (e até mesmo para mudar o assunto de nossas conversas) à nossa volta, perguntei como ela aguentava¹² viver uma vida de tanto sofrimento e, ainda assim, se dedicar a cuidar da gente e de seus parentes. Ela enxugou as lágrimas, se virou em minha direção e com um breve sorriso no canto do rosto me respondeu docemente: *Eu aguento tudo o que eu aguento que é pra ter história pra contar.*

Portanto, esse questionamento que fiz para minha mãe foi o que direcionou toda a pesquisa com as lavadeiras do meu bairro, uma vez que busquei compreender como mulheres periféricas aguentam viver uma vida com tanto sofrimento e, mesmo assim, ainda conseguem se manter de pé e ativas em seus engajamentos socioafetivos cotidianos. Essa centralidade do aguentar costurado na vida cotidiana é, justamente, uma tentativa de refletir o sentido e a força filosófica produzidas por essas mulheres atravessadas pela vida na sua crueza com os que habitam este mundo, mas também no seu encantamento cultivado e partilhado com seus descendentes e comunidades.

Águas de amoladuras: temer o luto, dar continuidade a vida¹³

É inegável a experiência aterradora do luto. A morte traz consigo a sensação de perda total, de que nada mais será como antes, de que tudo está perdido. Perder minha mãe trouxe essa gama de sentimentos. Todavia, Butler (2022) vaticina que o luto manifesta a nossa *servidão* perante o outro. Meu encontro com Dona Anastácia, Dona Josefa e Dona Ana expôs a força dessa ideia e de tantas outras como mostrarei abaixo.

Conheço Dona Anastácia desde 2018, pois seu filho e minha filha estudam na mesma escola e as progressões de turmas sempre os colocaram na mesma sala. Logo aqui e acolá, muito rapidamente, conversávamos na fila da entrada da escola ao deixarmos nossos filhos e seguirmos para nossas lutas diárias. Mãe de oito filhos/as, em 2021, deu a luz à sua filha mais nova diagnosticada com cardiopatia e síndrome *down*. A possibilidade de uma cirurgia para tratar a cardiopatia levou Anastácia e a bebê para o estado do Recife, visto que, em Teresina,

¹² Palavra cotidianamente falada pelas minhas mais velhas nos corredores das casas por onde fui criada ao vê-las lavando e engomando roupas. Diante disso, tomo este termo (aguentar) com a finalidade de buscar compreender as agências desenvolvidas pelas minhas companheiras de pesquisa enquanto modos de não perecer aos obstáculos da vida, do mundo.

¹³ Este trabalho é fruto da dissertação de mestrado defendida em 2023, pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí (PPGS/UFPI).

esse procedimento não era realizado. Antes da intervenção cirúrgica, a criança faleceu em decorrência da doença. Sem condições financeiras para custear as despesas com o traslado do corpo e os demais ritos funerários, a vizinhança arrecadou uma boa quantia de dinheiro, permitindo enterrá-la com dignidade, destaque em sua fala:

Fui eu que limpei ela todinha. Ajeitei o vestido. Ela tava parecendo uma princesinha no caixão. Meu sentido era só esse: minha fia não vai feito bicho. Ela foi como um anjinho que ela era. Sabe, quando minha bebezinha era viva o pessoal me criticava muito...brigavam comigo dizendo pra eu ir atrás do aposento dela. Eu sempre cortava logo: não! Quando for o tempo de ir, eu vou. Eu quero saber da saúde da minha fia. Eu tô correndo atrás é da saúde da minha fia em primeiro lugar. E foi o que fiz até o último dia de vida dela. Graças a Deus eu sou feliz do jeito que eu tô aqui. Eu queria tá com minha bebezinha nos braços, mas Deus sabe o que faz. Não era pra ser minha. Eu não quero que minha fia fique vagando por aí por conta da minha tristeza. Eu aproveitei cada segundo com ela. Eu e meus filhos brincava com ela, conversava com ela...Eu aproveitei mais do que o pai. Ela me ensinou que o amor de mãe é tudo, e que a gente tem que aproveitar enquanto é pequeno. Quando a saudade dela aperta, eu brinco com meus filhos, danço com eles, cheiro eles...aí aquele sentimento vai embora. Minha mãe também me ajuda muito. Sem ela, eu não sei o que seria de mim (Dona Anastácia, 2022).

A partir dos aprendizados colhidos com as etnografias de Camila Pierobon (2022) consegui sentir que esse *minúsculo gesto* de brincar com os filhos é um agenciamento gestado por ela para não sucumbir, e nem permitir que os seus pereçam. Assim, em certo sentido, conforme Veena Das (2020), a morte pode ser um lugar de cura para a mulher que perdeu a filha, embora o corpo feminino carregando para sempre essa dor dentro de si; no entanto, os demais com quem ela convive e tece suas relações, se tornarão o aparato primordial para que ela dê continuidade ao trabalho de viver. Brincar, dançar, cheirar suas crianças e a partilha da vida com a sua mãe implicados nas *rotinas e rituais cotidianos* é o que os mantém vivo para os desafios da jornada humana (Lacerda, 2023).

O foco expresso no aguentar cotidiano de mulheres lavadeiras baseado na “banalidade de pequenos atos de heroísmos” (Lacerda, 2023), não significa dizer que endosso uma rejeição a perspectiva de resistência produzida pela teoria feminista e nem que defendo que as minhas companheiras de pesquisa – as lavadeiras – salvem-se sozinhas. Isto posto, não sou indiferente às memórias das lavadeiras e os efeitos dos tentáculos do racismo e seus correlatos (raça, classe, gênero, entre outros), ancoradas em práticas sociais que restringem – nós, mulheres negras – às possibilidades inferiores de habitação, educação e saúde (Collins, 2019). Por outro lado, a forma

como elas comunicam o aguentar está firmado em um hábito que as possibilitam manterem-se de pé para as batalhas cotidianas.

Evidenciando essas miríades de ressonâncias que a resistência pode enunciar, a amefricana e intelectual Lélia Gonzalez (2020, p. 54) saiu em defesa de uma *resistência passiva*, em razão de um imaginário social que fixou a mãe preta e o pai-joão enquanto exemplos de integração e harmonia raciais, quando na verdade eles foram os que transmitiram a cultura africana na sociedade brasileira, atentando para as variações existentes às formas de resistências.

Nesse fluxo, as etnografias de Das têm sido fundamentais para repensarmos nossa relação com a morte. No decorrer de meus encontros com Dona Josefa, os diálogos que estabelecemos propiciou seu desabafo sobre as lembranças de como perdeu seu único filho – na época adolescente – para a diabetes.

Oh! Meu filinho...o pai dele não ligava pra ele. Ele morreu de diabetes. Ele não se cuidava...bebia cachaça, vivia na rua, andava com as más companhias. Todo tempo ele fazendo danação. Cansei de ir pros reggae tudim atrás de meu fi. Eu só me aquietava quando eu trazia ele, nem que ele tivesse morto de bêbado, eu trazia. Eu lutei com meu fi sozinha. Eu amava meu fi. Eu era louca pelo meu fi. Pra mim é ruim viver sem ele. Tem horas que tô aqui em casa e vejo meu fi nos cantos da casa. Quando ele morreu, eu chorei, fiquei triste...mas Deus levou...eu e minha fia tivemos sussego. Se for de ver ele na rua usando o que não presta ou que os “malas” matem ele, eu prefiro que Deus tenha levado ele (Dona Josefa, 2022).

Em todas nossas conversas, Dona Josefa relembrava as traquinagens e desobediências do filho interligada ao extremo cuidado que ela tinha por este. Uma escuta apressada imputaria o papel de ‘egoísta’, ‘mãe desnaturada’, que ‘rogou a Deus pela morte do filho’, mas, para ela, a morte do filho significa o reconhecimento de Deus mediante todo o amor que ela o dedicou na sua caminhada, resguardando-a para a batalha que se estabeleceria contra a sua doença (câncer no útero) e a doença de sua filha (transtorno psicológico), num ato que Veena Das (2020, p. 83) descreve como a “conversão da morte ruim em boa morte”, conforme aponta Dona Josefa:

Minha fia é do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial). Tem dias que ela fala sozinha...dá as crises dela e tudo, mas, sem ela, eu não sou ninguém. Hoje, samos só nós duas. Que Deus me livre, mas, eu sem minha fia, eu não quero nem viver. Fico fazendo de tudo pra viver mais, pra viver junto com a minha fia. Ela faz tudo. Mais eu não deixo ela fazer tudo, eu tenho que fazer tombém. Eu sei que vou vencer essa doença, e quando passar tudo isso, vamo eu e minha fia pra nossa casa, pro nosso cantinho que o governo vai dar. Eu ainda vou ver, se for do querer de minha fia e se Deus permitir....risos...porque ele vai, né!!...ver minha fia casada (Dona Josefa, 2022).

Ela não detinha o controle sobre *as escolhas* do filho, portanto lhe restava somente exercer o papel de mãe, mesmo tendo que assistir o definhamento do mesmo. O termo ‘sossego’ na sua fala não pode ser compreendido como um regozijo, porque se trata do entendimento de que seria um sofrimento muito maior ter que labutar com ele, se desdobrar nos cuidados com a filha e ainda conseguir manter-se de pé para vencer o câncer. Essa forma de compreender e *levar* a morte do filho são bastante semelhantes com a interpretação que as mulheres da minha família produziram quando seus irmãos mais novos faleceram afogados. Até hoje, quando minha tia relembra essas mortes, ela fala que *Deus fez certo levar seus irmãos*, pois eles já estavam se aproximando às práticas de pequenos roubos e furtos (criminalidade) e que sua mãe – que já vivia sob os efeitos de *remédios controlados* (tarja preta) – não suportaria vê-los presos algum dia.

Chamo atenção para textura deste conhecimento tecido por Dona Josefa e minhas tias sobre determinadas mortes. É a miudeza deste pensamento que, se não mantivermos nossas percepções e lentes atentas, podemos acabar em leituras simplistas. Está forma em que Dona Josefa lê a morte do filho e minhas tias leem as mortes de seus irmãos, denunciam a *ecologia cotidiana do medo e da vigilância*, que o Estado brasileiro coloca em prática nos territórios subalternizados (Das, 2020, p. 231). É dessa natureza intermitente do controle governamental na vida ordinária – região de vulnerabilidade humana – que mulheres como Dona Josefa e minhas tias criam uma linguagem em que seus mortos possam encontrar um lar infundidas de outro afeto, que me permitiu observar o “modo de circulação por meio do qual o poder é produzido pelo Estado” nestes corpos e nestas regiões (Das, 2020, p. 237).

É desta prática política expresso na oralidade (linguagem) da apreensão das mortes de seus familiares por partes de Dona Josefa e minhas tias, que inundam suas memórias cotidianas, e que não permitem que a brutalidade do esquecimento colonial se aloje em suas vidas como um “fenômeno de puro e simples genocídio” (Nascimento, 1978, p. 69). Criar uma memória onde seus descendentes estejam presentes é confrontar a *experiência demolidora de alteridade* assenta na raça, na gestão de um Estado cujo sentido da violência, se faz na constante produção dos modos de matar grupos historicamente marginalizados (Mbembe, 2016).

Estar em seus cotidianos têm anunciado que habitar esses espaços de desmoronamento não pode ser vistos como sentenças, fins, pelo contrário, evidenciam a urgência de observarmos suas experiências traumáticas, onde a vida pode se refazer, conforme me ensinou Dona Bindita ao recordar a violência sexual sofrida há muitos anos.

Quando ele se aproximou de mim eu tinha dezenove anos. Ele se aproximou como amigo e passamos mais ou menos uns dois, três meses como amigo, depois ele me pediu em namoro e eu aceitei. Passamos três meses namorando e ele sempre batia na tecla de prova de amor. Eu nunca aceitei, pois não era o que eu queria pra mim mas, em agosto de 1999, eu fui pros festejos e lá ele me embriagou. Eu nunca tinha bebido. Ele fez o que queria fazer. Amanheci na casa dele. Ele usou da minha confiança que eu tinha por ele. Disso, eu engravidei do meu filho, que hoje tem vinte e dois anos. Só quem sabia do estupro era minha mãe, mas ela nunca acreditou em mim. Ela dizia que eu tava mentindo. Mas eu quis, tive e amo muito meu filho. Ele foi um ser que não pediu pra vim dessa forma. Eu sabia que ele vinha pra ser meu, mas não dessa forma. Eu não podia jogar meu filho no mato. O pai dele nunca me ajudou em nada. Nunca! E Graças a Deus que eu nunca precisei. Até hoje meu filho não quer nem saber se existe pai biológico. O pai dele é o pai que criou. Tu acredita que sempre quando a gente sofre... quando é tão ofendida, humilhada...Deus olha e vê que a gente tá em Terra... e que precisa de uma mão dele. As pessoas me criticam, dizem que eu vangloreo o meu marido...Não! Mas pra mim ele foi um anjo que apareceu na minha vida. Ele me entendeu. Quando eu conheci ele, meu filho tinha três anos, e eu nunca mais tinha encostado num homem. Eu não aceitava, eu não admitia...eu tinha medo, muito medo. Eu não queria ter mais vida com homem nenhum. Eu passei três anos sem confiar em ninguém. Quando eu conheci meu marido atual, ele passou três meses só vindo conversar comigo na minha porta, sem ter contato nenhum comigo. Eu contei pra ele da violência que eu tinha passado e ele disse que esperaria a minha vontade e o meu dia. E eu fui que decidi. Eu disse pra ele que iria tentar e se eu não conseguisse, ele estaria livre pra ir pra onde ele quisesse, porque ele precisava de uma mulher que não fosse doente. Eu tentei e não consegui como de fato ele queria, mas ele soube me esperar. Ele disse: ‘não importa se você consiga ou não, eu não lhe quero por isso. Vou deixar no seu tempo, no seu dia.’ E esse dia e esse tempo ele me entendeu. Eu tive filhos com ele e vivi dezenove anos da minha vida com ele. Não vou dizer que foi só de amor, que isso não existe. Tivemos nossos percalços, nossas brigas, nossos desencontros, nossas revoltas, nossas dores... mas pra mim ele é o único homem que eu tive na minha vida (Dona Bindita, 2022).

Ao evidenciar que as mulheres violadas no evento da Partição ocupavam uma zona entre duas mortes, envolvidas por um “conhecimento venenoso, no qual mulheres bebiam a dor para que a vida pudesse prosseguir” (Das, 2022, p. 89), Dona Bindita me fez sentir que, mesmo tendo que carregar a marca da violência sexual que em um dado momento aniquilou seu corpo e seu projeto de constituir uma família – o que não é fácil –, encontrou nas relações concebidas por ela a possibilidade de reerguer um mundo capaz de lhe amparar em meio a tantas ruínas. A fala de Bindita sobre o marido¹⁴ destaca o encontro e o reconhecimento da restituição de si através do acalanto, paciência e amor de seu companheiro, enquanto combustível para reavivar seus sonhos e sua dignidade.

¹⁴ Chamo atenção que na época dessa entrevista o marido de Dona Bindita estava com um ano de falecido, vítima de uma bactéria, segundo a mesma, contraída em uma de suas idas ao rio para pescar como era de costume fazer.

Minha amizade com Dona Bindita começou em outubro de 2009, ano em que minha mãe faleceu. A conheci por intermédio de meu antigo namorado que era seu amigo de infância. Ele me levou na casa dela de surpresa. Eu não sabia. Quando chegamos já era noite e ela estava com um grupo de pessoas reunidas no fundo do quintal de sua casa. Ao me aproximar, levei um grande susto, ela é Mãe de Santo na Umbanda¹⁵. No momento, ela estava trabalhando incorporada com a entidade/guia/espírito Chica Baiana¹⁶. A entidade pediu que me sentasse. Depois solicitou que eu levasse uma cadeira e sentasse na sua frente. Com um cigarro na mão direita e a vela acesa na esquerda, *puxou seu ponto*¹⁷: *Chica Baiana é boa, Chica Baiana é mal, Chica Baiana é boa mora no oco do pau...hahahahaaaaa !!* (gargalhou estridente). Em seguida, perguntou se poderia me benzer, assenti com a cabeça sem jeito, envergonhada, tímida. Me benzeu com a vela e *puxou minhas orelhas* ao advertir que na próxima vez eu deveria estar vestida decentemente. Eu não sabia que iria ao seu encontro, por isso a roupa curta. Daí em diante, entrei para sua vida e para o seu terreiro, sendo sua filha de santo.

Pinço essas lembranças e reminiscências entre mim e Dona Bindita para localizar nossa relação e tudo que nos compõe. Desde quando me tornei sua filha de santo, transitei e me afastei em diversos momentos de sua vida. Na época da minha rotineira presença em sua casa, me permitiu perceber as agruras da sua teia familiar. Em meio aos seus queixumes, choros, raivas, estavam as contendas/disputas com os irmãos, os desentendimentos com a sua mãe e a avó, as brigas cansativas com o marido, as alegrias das pequenas vitórias dos filhos, nossos momentos de descontração regados a cervejas e ao som de um bom *reggae*, os sonhos planejados de uma vida mais tranquila e tantos outros desejos seus; eu só podia ofertar minha escuta e, por vezes, alguns aconselhamentos pueris. Foram anos tentando ser apoio e colo para ela. Até que, em certo tempo, as brigas e desentendimentos com o marido adentraram o ambiente do nosso terreiro, o que causou incômodos e revoltas. Já era quase impossível finalizar nossas *baias*¹⁸ sem alguma discussão entre o casal. O ciúme doentio e as traições do marido, a revolta do mesmo por ela e as entidades que trabalham com ela não cobrarem as consultas durante os atendimentos no terreiro, alegando que ela estaria perdendo dinheiro, os irmãos sobrecarregando-a ao deixarem seus filhos pequenos (duas crianças) para ela cuidar com a

¹⁵ Religião afro-brasileira que aglutina em suas práticas litúrgicas elementos indígenas, africanos, católicos, kardecistas, juremeiros entre outros.

¹⁶ Entidade que *baixa*(chega/adentra) nos corpos das pessoas que praticam esta religião. É um espírito ligada à corrente do *povo da rua* (exus e pombogiras).

¹⁷ Todas as entidades na Umbanda têm seus *pontos* (músicas). Essas músicas seriam como uma espécie de identidade do guia, onde o canto, por muitas vezes, revela seu nome, sua falange ou história de vida.

¹⁸ Na Umbanda do meu solo nativo, em Teresina, denominamos de baias o momento em que dançamos em circularidade ao som de tambores, triângulos e outros instrumentos para chamar as entidades para a terra.

finalidade de impedi-la de terminar o curso de técnica de enfermagem, este último sendo um sonho que ela carregava há anos, mas que não pôde realizar porque seus filhos eram pequenos (três filhos) e sua mãe (epilética) e sua avó já idosa demandavam constantes cuidados, tudo isso me colocou em estado de afastamento gradativo.

A chegada de seu marido em um dos momentos do terreiro, sob efeito de álcool, provocando confusão com a esposa e as entidades foi o estopim da minha saída definitiva de seu terreiro. No dia seguinte, me dirigi até sua casa e informei meu desligamento do terreiro, pois já estavam passando dos limites aquelas condutas. O semblante entristecido do seu rosto pela minha saída denunciava o seu amor por mim. Ela não aceitou, mas compreendeu. Tentou justificar o ocorrido. Mas eu já estava decidida. Na verdade, sem coragem de confessar a ela naquele tempo, minha saída se deu porque eu a achava muito submissa aos ditames e egoísmos dos irmãos, seu silêncio a maior parte do tempo frente a seus familiares me incomodava, mesmo que, vez ou outra, ela os afrontassem, como eu já havia presenciado. No entanto, seu silêncio era maior diante de tudo o que lhes cobravam e retiravam sem se preocuparem com seus sentimentos e opiniões.

Cortei todos os vínculos com ela. Pura arrogância e petulância minha. No ano de 2020, retomei o contato com Dona Bindita. Conversamos via redes sociais e ela me revelou que seu marido estava muito mal de saúde e então prontamente perguntei se poderia ir a sua casa para dialogarmos com mais vagar, ela aceitou. Foi nosso primeiro encontro depois do meu afastamento. Que saudades eu sentia do seu abraço! Sempre muito emocionada, era constante em sua fala o medo de perdê-lo. Ela agradeceu minha visita e assim me disse: *As pessoas perguntam por quê eu choro por um homem tão ruim como ele, mas o que as pessoas não sabem é que quem não compartilha da mesma vida de sofrimento, jamais vai compreender a cumplicidade de nossas caminhadas.* Essa frase me tocou e fui embora pensativa. Um dia depois dessa minha visita, ela me ligou para informar o falecimento do seu esposo.

A cena acima é a expressão do erro cometido por mim contra de Dona Bindita, como havia relatado no início dessa discussão. Hoje, depois de ler “Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário” de Veena Das (2020), percebo que a postura de Bindita tenha uma certa aproximação com a personagem Shanti da referida obra. Em resumo, Shanti opta pelo silêncio mediante os autoritarismos do sogro para assegurar a sobrevivência da descendência feminina (Das, 2020). Assim, pode ser que Bindita tenha recorrido ao silêncio em algumas ocasiões perante os seus familiares para garantir a sobrevivência de seus filhos, e a sua também.

Portanto, a fala de Dona Bindita sobre seu companheiro, talvez queira nos ensinar que não cabe a mim e nem a nenhum de nós determinarmos o direcionamento de suas escolhas, não

temos esse direito de tratorar as caminhadas que ela traçou com ele. A tomada de alguma decisão cabe a ela, atentando ao estranhamento daquilo que não há reciprocidade, como fez Dona Josefa ao se separar do marido que preferia gastar seu dinheiro com as mulheres da rua e com cachaça do que com a família, e seguir a vida apenas ela e a filha. E o resultado do meu comportamento apressado, imprudente e desonesto com Dona Bindita me impediu (ou quase impediu?) de sentir as tessituras da vida vivida entre ela e seu esposo como algo do campo da paciência e da espera de tudo o que compartilharam um com o outro, sem desmerecer os atos mais bonitos e ricos das conexões que estabeleceram expressos na sua fala abaixo.

O Zé era bruto, machista, controlador, ciumento. Ele também bebia demais, já estava exagerando no álcool. Mesmo com esses defeitos dele, eu me divertia, tomava minha gelada com minhas amigas, ia pros baile de *reggae*...As vezes, ele queria *inflamar* (fazer confusão) e alterar comigo, eu já conversava com ele e colocava meus pontos. Eu saía e deixava ele lá bufando. Mais tudo com respeito, considerando ele, sendo fiel. Eu saía mas deixava meus filhos e a vó, de banho tomado e bucho cheio. O Zé me salvou da morte quando eu estava grávida da minha filha. Na maternidade eu dei três eclâmpsias e os médicos fazendo pouco-caso de mim. Ele fez barraco no hospital, aí quando a equipe viu meu estado, se desesperaram pra me salvar. Sempre que eu me internava, era ele, somente ele quem ficava comigo, ninguém da minha família se prontificava a estar do meu lado. Ele sempre estava. Por isso que eu vivi com ele até o dia que Deus o levou. (Dona Bindita, 2022)

Dona Bindita, sem muito esforço, mas pela caminhada de quem vive e viveu o possível e o impossível, me ensinou que ali, em sua relação com o falecido marido, o que havia era o *estica e puxa, acocha e afrouxa, sobe e desce, negociação e renegociação* de seu mundo cotidiano com seus parentes. Mundo este que também fio com os meus. Onde eu lia uma mulher submissa e subserviente, trata-se da experiência de quem aprendeu a *dar tempo ao tempo*, como ela mesmo diz, pois nem tudo carece da ligeireza de uma resposta para momentos em que a espera precisa ser ouvida para não desembocar em algo pior. Foi nesse transcurso do tempo, onde ela e o marido compartilharam cuidados diversos que vejo o quanto é reconfortante e engrandecedor saber que ela atua no exercício da profissão que o marido tanto a impulsionou para não desistir, técnica de enfermagem. Que lhe tirou das pias e dos fogões das cozinhas das elites – o que não que é demérito dessas profissões –, permitindo dar vida ao sonho de condições melhores para sua família.

Essa perspectiva de morte, que catapulta para horizontes que possibilitem seguir com tantas dores, precisa ser alvo de mais seriedade. Nestes termos, apresento o caso de Dona Fátima e suas/seus irmãos/os. Durante a pesquisa, sua família estava vivenciando a batalha para que

fosse respeitado o pedido de sua mãe feito antes de seu falecimento. Com as/os filhas/os já estabilizados na vida e cada um com suas respectivas casas, a mãe de Fátima fez a aquisição de um terreno no interior, construiu uma casa e, em vida, sempre desejou que sua herança fosse destinada para uma de suas netas, a qual sempre passou por muitas dificuldades. Entretanto, o grande empecilho para a concretização deste pedido tem sido um neto, como relata Dona Fátima.

Depois que a mamãe resolveu morar no interior de Boa Hora...que levantou sua casa...quem sempre cuidou dela lá foi minha sobrinha. Ela, toda uma vida, cuidou bem da mamãe. Em vida, a mamãe falou pros fitudim que queria que a casa ficasse com minha sobrinha. Agora, tamo aqui nessa luta de respeitar o pedido dela...e tem que ser respeitado, né ! Mas o meu sobrinho quer ficar com tudo. Nenhum de nós acha isso certo. A gente ofereceu pra ele repartir o terreno e cada um ficar com uma parte, mas ele quer o terreno todo...Não é justo! Minha sobrinha não tem onde cair morta...passa fome...sofre muito...Tô esperando chegar o final do ano pra ir lá e resolver com meus irmãos essa questão. Pedido de falecido é sagrado. A mamãe fez de tudo pra deixar minha sobrinha bem..foi a única coisa que a mamãe pôde fazer por ela, deixar esse terreno (Dona Fátima, 2022).

Compreende-se que, para Dona Fátima, é perturbador não atender ao pedido de sua mãe (já falecida). O compromisso com a palavra é um compromisso com a vida, por isso a preocupação em honrar pelo que foi suplicado. É a vida que depois de morta pulsa na palavra. É a palavra que arregimenta a partilha; a responsabilidade com o outro. É a palavra que beneficia um parente – a sobrinha –, e que não deve ser quebrada; romper com a palavra é romper com a vida, uma vez que “se fala é força é porque ela cria uma ligação de vaivém, que gera movimento e ritmo, portanto, vida e ação” (Hampatê Bâ, 2010, p. 175).

São esses esforços constantes, esse aguentar enquanto um empenho diário de luta *contra a inação* (Butler, 2022, p.51), que está alinhado ao que Veena Das (2022, p. 91) revela: o que os sujeitos que vivem nas margens do dia a dia fazem é “construir um mundo no qual os mortos possam encontrar um lar”. Assim, o que elas parecem evidenciar nas falas em destaque é como é duro (e ao mesmo tempo necessário) estar a todo momento tendo que construir recomeços mediante a uma vida cercada por uma *sina* de pilhagem e violência, decorrente de um projeto colonial de sociedade.

Nas encruzilhas do ‘aguentar’ com suas vizinhanças e famílias

Assim como no cotidiano os sujeitos estão sempre em movimento, produzindo ou apontando saídas para diversas situações, nas encruzilhadas também vicejam os movimentos

humanos, num vaivém de possibilidades e rumos a serem (re)tomados. Cotidiano e Encruzilhadas¹⁹ são os lugares do trânsito, do movimento, da vida. Imagine um cruzamento de avenidas, lá a efervescência de motoristas, pedestres são dinâmicos e ativos. Ambos são lugares onde reinventamos formas de viver.

Figura, por isso, a minha teimosia em sentir os cotidianos das lavadeiras sob a dimensão das encruzilhadas, agarrada no exemplo de que “nós também produzimos conhecimento em um modo de intimidade com nossos temas de pesquisa” (Misse *et al*, 2012, p. 343). Esse jeito de fazer antropologia de Veena Das nos auxilia e inspira para melhor entender esses momentos do campo e da escrita enquanto *compromissos de co-habitar* mundos a partir dos desdobramentos da nossa vida e da vida de muitos outros. E, para a autora, os efeitos dos caminhos que percorremos com os sujeitos da nossa pesquisa, consubstancia naquilo que ela conceitua como ‘passos de caranguejo’ (Sarti *et al*, 2022). Ao longo do tempo uma ideia ou pensamento pode se estabelecer em uma determinada direção e, anos mais tarde essa ideia pode incluir outros pensamentos, caracterizando assim os ‘passos de caranguejo’ (Sarti *et al*, 2022).

Assim como os ‘passos de caranguejo’ é o cotidiano, são as encruzilhadas. Veja a maneira como reavaliei e reescrevi uma conduta errada e precipitada que tive com minha Mãe de Santo como relatei mais acima. As encruzilhadas também são espaços em que vez e outra estamos rumando para outras avenidas e ruas ou retomando antigos caminhos, onde, muitas vezes, como me disse Exu Tranca Rua²⁰ estamos a todo momento fazendo o “erro virar acerto e o acerto virar erro²¹”, como expressão de sempre estarmos reavaliando e reescrevendo nossas relações uns com os outros.

Pensar o cotidiano a partir das encruzilhadas creio ser um rendimento salutar à medida que, como prefigura Leda Maria Martins (2021), a concepção filosófica nagô/ioruba das encruzilhadas é catalisadoras do centramento e descentramento, portanto de sentidos plurais. E, doravante a relevância da abordagem lançada por Leda, me valho das sensibilidade analíticas de Luiz Rufino (2019, p. 28) ao definir que “o mundo é uma encruzilhada e por isso é um campo de possibilidades infinitas, inacabadas, e é Exu quem comanda as estripulias”. Essa potência ontológica negro-africana que cruzou o Atlântico disseminou que “Exu e as encruzilhadas nos possibilitam reler o nosso tempo” (Rufino, 2019, p. 30).

¹⁹ Perspectiva filosófica dos cultos afro-diáspóricos centrado na figura da divindade iorubana, Exu. Sendo este local seu ponto de domínio e força. O dono das Encruzilhadas, Exu, o orixá da comunicação e do movimento me ensinou que as Encruzilhadas são locais em que se cruzam duas ou mais ruas, estradas e caminhos.

²⁰ É um dos Exus de Umbanda mais conhecido. Como próprio nome já designa, é uma entidade que abre e fecha as ruas, caminhos e avenidas.

²¹ Essa frase é um dos ‘orikis’ (palavras carregadas de axé) de Exu que não condiz com dicotomia, mais registra a complexidade de nossas relações.

Seguindo essa fonte de conhecimento assente em uma ‘perspectiva macumbística’ (Rufino, 2019) é que percebo os cotidianos de minhas companheiras de pesquisa a partir da produção de encruzilhadas erguidas por elas e por todas/os que a cercam, pontuado por mim abaixo.

A vida de mulheres periféricas nas Encruzilhadas é marcada por múltiplos deslocamentos, que exige de cada uma, a sua maneira e, no seu tempo, destreza e firmeza em cada passo dado. Dito isso, habitar as Encruzilhadas é um exercício que não se faz solitário mediante aos eventos do luto, da doença e dos diversos problemas que acometem seus familiares, no qual as mulheres lavadeiras estão imiscuídas pela narrativa do ‘aguentar’ que, para mim, torna incapturável o controle sobre seus corpos e a vida (SOUZA DOS SANTOS, 2023, p. 42).

Orientada por essa abordagem de mulheres lavadeiras produzindo encruzilhadas na luta contra a inação, é que ressalto a convivência de Dona Josefa com a vizinhança no entorno de sua casa. Quando fui convidada pela mesma a visitar sua casa a primeira vez, me deparei com um diálogo entre ela e uma vizinha. Ao passo de minhas constantes idas a sua casa, era quase impossível não ter alguma vizinha que chegasse ou que estive com ela conversando sobre diversos assuntos. O diálogo com a vizinha dizia respeito ao pedido de uma sopa para Dona Josefa. Prontamente, Josefa fez a sopa para a vizinha e, ainda fez uma garrafa de suco natural de maracujá para colega. Sobre sua relação com a vizinhança, destaco sua fala.

Sabe, tem horas que tenho medo morrer...tu sabe, né, Creani, essa doença (câncer) mexe com o juízo de nós. Tenho medo da morte quando eu sei que fulano morreu de câncer. Eu procuro tirar meus pensamentos, pois quem olha é Deus e não é eu. Se eu andar triste, eu morro, por isso meu riso é grande. Gosto de prostrar com meus vizinhos, sem eles não sou nada (Dona Josefa, 2022).

A produção de encruzilhadas por essas mulheres está inscrita nessa insistência e persistência de buscarem sempre estarem vivas ao lado dos seus e de sua comunidade, é o que há de mais belo, forte e maravilhoso em suas caminhadas, estas que animam a minha existência. Como me revelou Dona Josefa; “a gente aguenta porque é Deus que dá força e porque os outros ajuda nós”. Como na casa vivem apenas Dona Josefa e sua filha já adulta, os vizinhos constituem o suporte de ambas em muitos momentos, essa vizinha em questão é a que mais está junto de Josefa quando esta volta para casa após as sessões de quimioterapia para o tratamento do câncer, permanecendo ao seu lado até os efeitos colaterais da medicação diminuírem.

Contudo, a convivência com a vizinhança às vezes é marcada por sérios conflitos. Dona Carmelita mora na lavanderia com os dois filhos há bastante tempo. Ao se compadecer com a

falta de moradia que seu irmão estava passando, resolveu ceder sua casa para o mesmo até que ele comprasse a sua. Os débitos de energia e água ficaram a cargo do irmão, conforme acordados. Anos depois seu irmão conseguiu comprar uma casa, porém deixou a casa da irmã afundada em dívidas astronômicas de água e luz, além de problemas estruturais na casa (teto em ação de ceder e o piso da casa a ponto de afundar). Dona Carmelita foi verificar o orçamento para os danos causados e percebeu que não tinha condições para arcar com tamanhos investimentos, o que levou a morar no seu próprio espaço de trabalho com os filhos. Uma das vizinhas, vendo a idade avançada de Dona Carmelita e sua luta de anos com os filhos decidiu construir nos fundos de sua casa um quarto com banheiro para Carmelita dormir.

Dona Carmelita é bastante conhecida nos entornos da lavanderia, mas ela sabe que: “na boca dos vizinhos, meus filhos não valem nada”, como ela me desabafou. Sua tristeza em saber que todos aqueles que se dizem seus amigos falam mal de seus filhos, é revelada no descontentamento de sua fala. Até mesmo essa amiga que ergueu um quarto para ela, fala mal de seus filhos, como me disse em uma de nossas conversas enquanto ela engomava uma pilha de lençóis. Conversando com alguns dos vizinhos da lavanderia percebi que a vida de Carmelita era alvo dos escrutínios morais e julgadores dos moradores. As críticas aos filhos iam de ‘acomodados, preguiçosos’ até ‘cachaceiros e drogados’.

Dona Carmelita confidenciou-me que uma das coisas mais duras que ouvia da boca dessa sua amiga foi ouvi-la a aconselhar que abandonasse seus filhos, deixando-os *à míngua* porque eram pessoas ruins e egoístas, por não se importarem com a sua idade avançada e por não se esforçarem em dar uma casa para ela. Ela sempre me explicava que eles não eram homens ruins e que fazia tudo o que fazia por eles, por amor. A vizinhança repudiava os cuidados que ela direcionava a eles. Aos poucos fui percebendo que Carmelita cuida de seus filhos não somente porque os gerou, mas principalmente porque ela já não tem um vínculo saudável com seus parentes, então seus filhos são a razão, o motivo pelo qual ela busca se manter viva nessa Terra e que, sem eles, ela não é nada, nem ninguém. Por isso, para ela, cuidar deles é também cuidar de si.

Da mesma forma acontece com Dona Josefa e sua filha. Em uma de minhas visitas à sua casa, depois que ela me confessou – com o tom de voz bem baixinho para a filha não ouvir, – que adorava ir para as baias do terreiro, ela pontuou que parou mais de frequentar a umbanda porque a filha tacou fogo em todas as suas saias e dizia que sua mãe não ia mais se encontrar com o demônio. Josefa, ao me revelar isso, baixou a cabeça e o olhar, não sei se por vergonha que eu pensasse que ela não tivesse pulso firme com a filha, deixando que a mesma ditasse as regras da casa e de sua vida. Em nenhum momento cogitei isso, mesmo sabendo que essa visão

que a filha possui sobre os diversos cultos de religiões de matrizes afro-diaspóricas são frutos de todo um legado racista de nossa sociedade. Josefa não tem um vínculo forte com os irmãos, embora um deles more próximo de sua casa, seu acalanto e porto seguro é sua filha. É ela quem dá forças para Josefa se manter firme e forte na luta contra o câncer. Em todas as visitas, sua filha sempre foi muito gentil e atenciosa comigo, sempre estava pela casa adiantando os serviços para que sua mãe pudesse descansar. Então, não carece para Josefa se indispor com a filha, uma pessoa que cuida tão bem dela.

A saída encontrada por Dona Josefa para não deixar de ir para as baias no terreiro tem sido aproveitar os momentos que a filha vai para eventos da igreja católica (retiros espirituais, excursões para igrejas em outras localidades e etc) da qual é frequentante. Josefa tem um apressado e devoção pelas entidades que lhe acompanham, pois, segundo ela, os banhos de ervas e benzimentos, e as conversas com as entidades, têm lhe ajudado a aguentar a doença e acreditar nos processos de cura pelas forças desses espíritos.

O cuidado para elas é algo inegociável e que faz da vida um campo de possibilidades de viver com os seus, mesmo com todos os percalços, obstáculos e provações que dela decorrem. A todo momento, elas criam modos de ser e estar no mundo que são sabedorias de vida, onde nos dão ânimo para viver e continuar nossa jornada nesse mundo.

Encontrando caminho nos desafios do cuidado operacionalizados por elas nas encruzilhadas da lavanderia, de suas casas e comunidade onde habitam, Dona Ana me discorreu em muitas ocasiões sua luta com o alcoolismo do marido.

Meu marido era bom. Ele nunca bebeu cachaça. Sempre foi bom pai. Nunca deixou faltar nada *dendicasa*. Só que depois dos filhos tudo crescido ele disparou a beber. Ele tá muito magro. O café dele é uma dose de cachaça. Isso lá é vida, muié? Tenho sofrido com este homem. Ele não me ajuda em nada. Quem paga tudo sou eu. Eu aguento porque eu tenho fé e esperança que um dia Deus vai acabar com todo esse meu sofrimento. Ele vai me mostrar a luz...Eu espero! (Dona Ana, 2022)

O esposo de Dona Ana é muito amigo de meu pai. Tanto ele como meu pai possuem um comportam mortífero com o consumo do álcool. Fiquei sabendo no meio de nossas conversas que ela é vizinha do meu pai. Partilhamos nossas dores com esses atravessamentos do álcool na vida de quem nós queremos bem e o quanto isso nos atinge. Sempre em tom bravio ao falar desse problema de saúde do esposo, fui percebendo que ela aguenta estar ao seu lado porque ela o ama, se importa e quer que ele viva. Por vezes, os descontentamentos e descontroles em suas falas pelas diversas atitudes do marido expressam o cansaço, ou como Venna Das (Sarti *et al*, 2022) me ensinou essa ‘exaustão da resistência’ de Ana; desta sua insistência em estar ao

lado do pai de seus filhos. Comungo com Das (Sarti *et al*, 2022, p. 36) em sua reflexão sobre o ‘trabalho do abandono’ na vida das pessoas e, que essa atitude de abandonar é mais difícil do que imaginamos, pois ao se cogitar o abandono, os sujeitos parecem não conseguir abrir mão da “soma total do que é a verdade de um relacionamento”, como o que acontece com Dona Ana ao sentimento difuso que mantém em relação ao marido: de não suportar suas irresponsabilidades e amolações em decorrência do vício e, ao mesmo tempo, reconhecer os esforços e dedicações do mesmo com a família e os filhos no passado. Tudo isso tem um peso e é muito caro para ela.

Insisto no agenciamento do aguentar exercido por essas mulheres nas encruzilhadas (cotidianos) de suas casas, da lavanderia, de sua comunidade e de suas famílias, por entender que é por meio dele que elas conseguem se manter de pé ao lado dos seus. É no bojo dessa linha de pensamento que me acompanha uma vivência aguda da força pela vida, revelados na relação entre Dona Lúcia e um vizinho. Em uma de minhas visitas à casa de Dona Lúcia, ela me revelou que um homem, já idoso, passou a frequentar sua casa para estabelecer um vínculo de amizade com a mesma, e as idas constantes na casa da amiga lhe renderam um apelido: *Beija-Flor*. O amigo confessou para ela que estava doente e precisava realizar uma cirurgia. Beija-Flor estava decidido não realizar tal procedimento, uma vez que, segundo ele, *da vida não esperava mais nada*. Em toda visita, ela insistia para ele realizar o procedimento, então ele acatou e, após sua recuperação, Beija-Flor retornou a casa de Lúcia para agradecer e revelar o quanto ele estava mais disposto a viver. Dentro dessa relação de amizade com Beija-Flor, fiquei curiosa em saber por que ela persistiu tanto para seu amigo fazer a cirurgia e logo, sem titubear, me respondeu que queria *incentivar ele para vida* e que era por isso que ela cuidava e se preocupava com ele sempre que aparecia em sua casa. Talvez seja isso, elas são incentivadoras da vida, onde o aguentar expõe essa ação.

Esse cuidado com o amigo agarrado em *incentivar ele para vida* pode ser lido a partir do diálogo com Das (2012) e sua abordagem sobre *ética ordinária*, entendido como as ações habituais dos indivíduos não como ações insignificantes, mas que são atos cotidianos banais que podem manifestar a cura. Ou seja, esse simples, pequeno, minúsculo gesto de incentivar o amigo a realizar a cirurgia, dentro de visitas rotineiras à casa da amiga, é a maior expressão dessa *ética ordinária* que oportuniza que a vida seja tecida lado a lado (Das, 2012).

A *ética ordinária* do aguentar rasga e convoca uma sabedoria potente, ao passo que denuncia a razão neoliberal pelas históricas desigualdades sociais e raciais que atravessam seus mundos. O encontro com as mulheres dessa pesquisa, aos poucos, em cada entrevista, me ocasionava surpresas. Quando perguntei para elas como aguentavam viver uma vida de

sofrimento e, mesmo assim, ainda se manterem de pé, elas me responderam assim: *a gente passa por tanta coisa nessa vida porque é pra ter história pra contar*. Idêntico à resposta de minha mãe. No entendimento das mulheres dessa pesquisa, a frase ‘a gente passa por tanta coisa nessa vida porque é pra ter história pra contar’ significa que os sofrimentos e as dores que a gente vivencia nesse mundo (onde vamos apontando saídas para vencer essas dificuldades) são sabedorias de vida que vão servir como farol para os nossos descendentes também criar/inventar suas saídas, que não necessariamente serão iguais às de seus predecessores, mas darão continuidade ao trabalho de viver.

Talvez a urgência consiste em pensarmos um outro tipo de sociabilidade que estas sujeitas e suas famílias não sejam condicionadas a cidadãs/os de segunda classe, fruto de uma situação colonial, onde a espoliação é um construto social, político, histórico e econômico. Sabemos, sim, que a vida tem seus percalços, provações e surpresas, ou como diria meu tio *que não estamos escapes de nada nessa vida*, e sabemos que temos de enfrentá-los como resultado de nossa exposição ao tempo e ao outro, mas que este enfrentamento não seja feito mediante a nossa inscrição como não-humanos.

“Onde têm aprendizado têm sofrimento” – sem conclusões

O título acima foi dito repetidas vezes por Dona Bindita. Ela e tantas outras lavadeiras narram a necessidade do sofrimento enquanto instrumento de aprimoramento, lapidação para vida e os desafios que dela decorrem. Não sei se estou naturalizando, *fetichizando* ou romantizando as dores destas mulheres. Porém, quero deixar que elas expressem a receptividade de tudo, e como viveram suas vidas, retratados nos caminhos de vidas produzidas por elas e com os seus. E permitir que elas esboquem suas compreensões de mundo mediante esse estado de coisas (pobreza, violências, morte, dor, sofrimento e etc), não significa endossar que elas se responsabilizem pelos problemas sociais que enfrentam, pelo contrário, nos estimula a perceber como essas mulheres prosseguem suas vidas em meio à aniquilação do mundo, fazendo com que “aprendamos sobre a natureza do mundo no processo de tal convívio” (DAS, 2020, p. 24).

O ponto de referência que circunda o aguentar por essas mulheres não pode estar preso em adjetivos como, ‘resilientes’, ‘guerreiras’, ‘fortes’. Me interessa muito mais apontar como o aguentar está alçado a um topo que circunda na vida dessas mulheres no seu comprometimento com sua descendência. Aguentar, para elas, está alicerçado no cuidado e no reconhecimento da importância daquelas/es com quem partilham o mundo. Elas aguentam porque *são com os seus*, e nunca sozinhas. Elas aguentam, pois compreendem muito bem a

gramática da dor que atinge cada uma/um das/dos seus/suas, e não os abandonam. É esse aguentar, produzidos por elas nos espaços das Encruzilhadas, o movimento que permite a sobrevivência de sua família em meio a tantas desinquietações.

Referências Bibliográficas

ALVES, Yara. Do corpo para o mundo: força e firmeza como princípios políticos entre quilombolas mineiros. *Em*: VILLELA, Jorge Mattar *et al* (Orgs.). *Insurgências, ecologias dissidentes e antropologia modal*. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2020, pp. 34-62. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/385/o/ebook-insurgencias.pdf> Acesso em 24/10/2021.

BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. *Em*: KI-ZERBO (Editor) *História geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO. 2020. Disponível em: <https://nyemba.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2017/04/A-tradi%C3%A7%C3%A3o-viva-Amadou-Hampat%C3%A9-B%C3%A2-texto-basico.pdf> . Acesso em: 30/11/2025.

BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Tradução: Andreas Lieber. Revisão técnica: Carla Rodrigues. Belo Horizonte: Autêntica. 2022.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Em*: *Observatório Brasil da igualdade de gênero, Brasília*, v. ano 2, n. 4, pp. 76-81, 2012 Disponível em https://acervo.casasuelicarneiro.org.br/item/biblioteca/bsc_001080 Acesso em: 0/04/2025.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. *Em*: *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 37, pp. 9–41. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645006> Acesso em: 23/09/2024.

DAS, Veena. Ordinary Ethics. *Em*: FASSIN, Didier (Ed.) *A Companion to Moral Anthropology*. Oxford: Wiley-Blackwell, pp. 133-149, 2012.

DAS, Veena. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. Tradução: Bruno Gambarotto. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização Flavia Rios e Marcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar. 2020.

hooks, bell. *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. Tradução: Bhuvli Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.

LACERDA, Paula; VEENA DAS; RATTES, Kleyton, MELLO, Marcelo Moura; SILVA, Simone (organizadores) *Em: Antropologia: ensino, pesquisa e etnografia hoje*. Volume 1.– Niterói: Eduff,[recurso eletrônico]; ePUB. – (Coleção Biblioteca Básica). 2023. Disponível em: <<https://www.eduff.com.br/produto/antropologia-ensino-pesquisa-e-etnografia-hoje-volume-1-e-book-pdf-726>> Acesso em: 27/06/2023.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. *Em: Etnográfica*. v. 10, n. 1, p. 121-158. 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/6431>. Acesso em: 19/05/2024.

MARTINS, Leda. *Afrografias da memória: o reinado do Rosário do Jatobá*. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; São Paulo: Editora Perspectiva. 2021.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. [Online]. 2016. [Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993> Acesso em: 30/11/2025.

MISSE, Michel; WERNECK, Alexandre; BIRMAN, Patricia; PEREIRA, Pedro Paulo; FELTRAN, Gabriel; MALVASI, Paulo. Entre palavras e vidas. Entrevista com Veena Das. *Em: Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 5, n.2, PP. 335 – 356, 2012. Disponível <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7331> .Acesso em: 01/05/2024.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PIEROBON, Camila. Traições em família: as texturas do parentesco. *Em: EXILIUM Revista de Estudos da Contemporaneidade*, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 163–192, 2022. DOI: 10.34024/exilium.v3i5.14658. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/exilium/article/view/14658>. Acesso em: 23/10/2024.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. – Rio de Janeiro. 1ª. ed. Editora: Morula, 2019.

SARTI, C.; PIEROBON, C.; FERREIRA, L.; DAS, V.; VIANNA, A.; GAMBAROTTO, B. Antropologia, desejo e texturas da vida: uma entrevista com Veena Das. *Em: EXILIUM: Revista de Estudos da Contemporaneidade*, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 21–68, 2022. DOI: 10.34024/exilium.v3i5.14654. Disponível <https://periodicos.unifesp.br/index.php/exilium/article/view/14654>. Acesso em: 20/06/2023.

SOUZA DOS SANTOS, Cleiane. *Amoladas a pedras-de-rio e águas: encruzilhadas de mulheres, lavanderias e casas na Teresina periférica*. 86f. 2023. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí.